

CINEMA

A singradura de Miguel Mariño: Fomos ficando sós

Alberte Pagán

A corunhesa (S8) Mostra de Cinema Periférico é um festival excepcional por vários motivos: por estar dedicado ao cinema experimental; por saber conjugar vanguardas atuais com vanguardas históricas e vídeos com cinemas; por nom ser competitivo; e por apostar, dentro da sua programação, na sobrevivência do cinema expandido e as atuações ao vivo com projetores e acetatos.

Foi neste festival onde conheci o Miguel Mariño como projecionista, nalgumha ocasião dos meus próprios filmes. Mas na última edição do (S8), o 8 de junho de 2013 e como remate de festa, descobri com abraio a sua faceta de cineasta (ou cineasta-projecionista) quando “criou” em direto a sua assombrosa peça *Fomos ficando sós*.

Fomos ficando sós é cinema expandido construído com um bucle de película transparente, dous projetores deitados e um espelho, um marcador azul, vários objetos de vidro e umha me-

sa de som. O resultado, para quem prefira mirar o ecrã e nom o Mariño em plena atividade, som três imagens verticais que se fundem e desbordam e desaparecem acompanhadas dum som hipnótico e aquático igualmente criado em direto. Que vemos no ecrã? Umha construção simétrica (pois a imagem da direita é igual à da esquerda, invertida por meio do espelho) que

começa branca (a luz atravessando o acetato transparente) e que pouco a pouco se vai tingindo de azul-marinho (Mariño pintando o borde da fita com um marcador) até encher o tríptico de água matafórica.

Polo caminho, o cineasta move os projetores para fundir os três ecrãs num só; desfoca a imagem, de jeito que o azul da água rompe o quadro; e interrompe o

feixe de luz com prismas ou frascos de vidro de maneira que a luz “desborda” o ecrã para expandir-se por toda a sala. (A palavra “desbordamento”, utilizada por Mariño, remete para Val del Omar: a vanguarda atual continua a dialogar com a histórica.) *Fomos ficando sós* estreou-se no (S8); é cinema em direto: nengumha gravação da atuação pode transmitir a sua intensida-

de; é cinema vivo, criado diante dos nossos olhos; e, portanto, é cinema efêmero e eternamente em mudança. Depois da Corunha, Mariño levou a peça ao Liceu Mutante de Ponte Vedra e a Donosti, onde apresentou umha versom mudada (transformada, evoluída, estendida no tempo até perto dos 30 minutos) que incide no “desbordamento” lumínico. Quando ao final a imagem volta a se ancorar no ecrã, bem definida, o que vemos é um círculo de luz que nom é mais do que lâmpada do próprio projetor. “O final é redondo e para dentro”, disse o autor com retranca. O intenso azul do mar (“o cadavre do mar”, no verso de Manoel Antonio) perdeu-se polo caminho: só fica umha ausência de cor, um quase sépia, que semelha umha velha foto dos tempos do poeta de Rianjo. O Mar, segundo a metáfora de Mariño, é o Cinema; o Barco é a Sala de Projecção; Nós, o Público. E assim, rematada a função, “ficamos nós sós / sin o mar e sin o barco / nós.” Sós, mas enroupados com a memória dumha poderosa singradura cinematográfica.

